

A PAISAGEM DO DESEJO E A POÉTICA DO OUTRO

Maria Luiza Berwanger da Silva

RESUMO: *Este estudo constitui um dos capítulos da tese de Doutorado intitulada A Paisagem do Desejo e a Poética do Outro no Simbolismo Sul-Rio-Grandense (Uma Leitura dos Intertextos Franceses). Visualiza-se o desejo na aproximação que permite estabelecer entre a emergência da poesia simbolista e o fato intertextual como busca do Outro. No que se refere à transposição dessa perspectiva crítica ao corpus, referências ao Simbolismo Gaúcho despontarão ao longo desse estudo enquanto amostragens exemplares da paisagem do desejo na produção sul-rio-grandense.*

PALAVRAS-CHAVE:

"Du plein? Du vide? Qui le dira? Mallarmé, de même, s'interrogeait sur la nuit, le mystère profond de l'encre."

(Jean-Pierre Richard, *Terre Écrite*)

"Desejo, desejo vago
de ser a tarde que expira
ser o salgueiro do lago,
onde a aragem mal respira

.....
Ser o eco da voz distante
que além se extingue dolente
ou uma folha que, errante
ao vento, cai docemente..."

(*Desejo - Fragmento*)

"Amordacei o desejo.

A poesia chegará."

(Guilhermino Cesar,

Bilhete para Cataguases)

Na produção crítica de Jean-Pierre Richard, o desenho da paisagem do desejo compõe-se lentamente na suavidade do meio-tom que busca a emergência da poesia. Em *Microlectures I* (1979) e em *Microlectures II* (*Pages - Paysages* 1984), o autor configura a paisagem do desejo como prática de leitura que fixa, na imagem do ínfimo, a condensação do significado poético.

Ajustando o foco da análise ao que denomina de *grain du texte*, o crítico calca a leitura sobre a recorrência de elementos cuja inscrição obsessiva possibilita a percepção do minúsculo: "La lecture n'y est plus de l'ordre d'un parcours, ni d'un survol: elle relève plutôt d'une insistance...". Neste sentido, em *L'État de Choses* (1990), o elogio do detalhe torna-se reduto da totalidade significativa:

"Il est ce qui n'est presque pas, et s'est mis pourtant à exister, toutes les Vies le prouvent avec quel relief, quel pouvoir tête d'affirmation. Il n'a pas la qualité morne et un peu résignée de l'humble; pas non plus la pureté, souvent bien ingrate, du simple. La petitesse signale seulement qu'il y a quelque part des vies, décrochées de la Vie tout en lui restant fidèles, aptes donc à être singulièrement pensées, dites ou écrites. [...] heureux donc les minuscules puisque le royaume de Lettres est à eux - et, à travers eux, à nous." (RICHARD, 1990, p. 106)

Em *Microlectures I* e *II*, a visualização do *grain du texte* ou *infratexte* como reduto da poeticidade permite especificar o conceito de paisagem na qual o cruzamento da subjetividade lírica com sua representação no mundo amplia o próprio conceito norteador de *Paysage de Chateaubriand* (1967) pelo trânsito do Outro¹: ("... C'est en somme cet espace de sens et de langage dont le critique essaie de manifester la cohérence unique, de fixer le système, - sans avoir pourtant jamais fini d'y cheminer"). Do mesmo modo, na afirmação: "... le paysage m'apparaît aujourd'hui comme fantasme: c'est à dire comme mise en scène, travail, produit d'un certain désir inconscient" (RICHARD, 1979, p. 8), em *Microlectures I*, o diálogo estabelecido com os princípios freudianos enfatiza a mobilidade do desejo como elemento que articula a produtividade textual.

Embora nesta reflexão crítica e temática percebam-se mesclas da abordagem psicanalítica, Jean-Pierre Richard não articula a prática de leitura com base em detalhadas fundamentações teóricas. Depreende-se o método

¹Este paralelismo da gênese da subjetividade com o do espaço em Jean-Pierre Richard reitera o ponto de vista crítico de Gaston Bachelard em *La Poétique de l'Espace* (1974) sobre a experiência poética da paisagem, articulada pela relação do desejo com o Outro, imagem do horizonte inesgotável: "À chaque fois que la rêverie abandonne un trait trop imagé, elle gagne une étendue supplémentaire de l'être intime" (p.178).

richardeano da própria análise textual, em que a emoção suscitada e comprovada pela obra literária supera as marcas do discurso crítico.

Na leitura de Laplanche e Pontalis, no *Vocabulaire de la Psychanalyse* (1992), três elementos concorrem para a constituição do desejo: as primeiras experiências de satisfação, as fantasias e o sonho; nos ensaios de *Microlectures I e II*, contudo, as duas últimas inscrições fazem-se mais recorrentes.

Representação do desejo, a pulsão do *fantasme* (fantasias) manifesta-se como "dynamisme originaire du non dit" (RICHARD, 1979, p. 121), que gera o significado pelo duplo exercício do *refoulement* e do *déchiffirable*. No pensamento richardeano, o universo poético modula-se por este ritmo oscilatório cuja circulação incessante produz o efeito da continuidade. Assim, expressando o *grain du texte*, a palavra pulsional explicita o conceito de horizonte infinito e instável². Em *Microlectures I*, Jean-Pierre Richard representa este nomadismo textual por imagens do horizonte — "lieu d'une jouissance propre" (RICHARD, 1979, p. 53) — que funcionam paralelamente como tema e como princípio estruturador da significação. Sob este prisma, a visualização do *grain du texte* pela imagem abrangente do "chant infratextuel de la parole désirante" (RICHARD, 1979, p. 121) marca-se sobretudo na leitura crítica de Mallarmé e na de Apollinaire, inseridos em *Microlectures I*.

Desenhando, de certo modo, a paisagem do desejo, em *Feu Rué, Feu Scintillé* sobre Mallarmé e em *Le Poète Étoilé* sobre Apollinaire, o autor de *Microlectures I* aproxima símbolos com os quais tece o espaço intervalar entre a poética do desejo e a linha sempre móvel do horizonte textual. Assim, o espelho como símbolo duplo de ocultamento e de revelação, associado à cintilação das estrelas, configura o espaço do desejo pela imagem da contínua alternância e transformação. Referindo-se ao soneto *Le Cygne* de Mallarmé, dirá Jean-Pierre Richard sobre o procedimento da imbricação de símbolos com que recorta o itinerário do desejo:

"Il faut prendre ... ce miroir pour un espace écran, une surface tout à la fois psychique et picturale, le blanc de la mémoire et celui de la page, surface où disparaissent bientôt d'autres traces de la scène libidinale mais où apparaissent bientôt d'autres traces, les étoiles, 'alphabet des astres' pour Mallarmé." (RICHARD, 1984, p. 126)

²Em *La Poésie Moderne et la Structure d'Horizon* (Paris, PUF, 1989) Michel Collot fundamenta, de certo modo, esta relação da paisagem do desejo com o horizonte, considerado como sedução da distância. Imagem exemplar do *inconnu* baudelairiano, o horizonte, na reflexão crítica de Collot, representa "l'infigurable de l'inconscient" (Op.cit., p.112): "l'horizon peut servir de métaphore à tous ce seuils d'invibilité absolue auxquels se heurte la conscience dans les divers domaines de l'expérience: tache aveugle du corps, mystère insondable de l'Être, profondeur du passé, indétermination de l'avenir, transcendance d'autrui" (Op.cit., p.104).

No estudo sobre Apollinaire, a inscrição da estrela como horizonte, "image d'un univers non en récession, mais en expansion glorieuse" (RICHARD, 1979, p. 158), configura o potencial simbólico desse astro pela imagem da fecundidade e da plenitude poética. Vista deste ângulo, a *parole pulsionnelle*, no método crítico de Jean-Pierre Richard, coincidentemente com o arco poético da poesia simbolista sul-rio-grandense, fixa, na associação da estrela com a dança, a decantação do lirismo. Veja-se, neste sentido, o estudo sobre a produção de Jules Laforgue intitulado *Donc je m'en Vais*:

"... Mais qu'est-ce qu'au juste que flotter, dans le paysage de Laforgue? C'est, il me semble, demeurer suspendu au coeur d'une plénitude: et dans cela se trouver supporté, sustenté, nourri ... par elle." (RICHARD, 1984, p. 55)

No tocante à questão do *fantasme* enquanto projeção do desejo, percebe-se que, quando referenciado por Jean-Pierre Richard em *Microlectures I e II*, a exemplo da *parole pulsionnelle*, inscreve-se duplamente como alusão temática e como elemento desencadeador do ato da escritura/leitura. No ensaio *Feu Rué, Feu Scintillé*, dirá o crítico sobre o soneto *Yx* de Mallarmé, com vistas a marcar a incessante mobilidade que a energia do desejo proporciona à leitura das imagens recorrentes:

"... Mais il faudra mettre en évidence un autre caractère aussi de ce même poème: comment non seulement le fantasme s'y écrit, mais comment il retrace le procès de cette écriture même, comment il permet à son lecteur de suivre sa propre génèse de texte lu ou dit - de 'scintillation' stellaire... - depuis sa figuration originiaire jusqu'à son déplacement final, sa réinscription, et sa lecture." (RICHARD, 1979, p. 110)

No verbete sobre o *fantasme* em Freud, Laplanche e Pontalis, ao apontarem o sonho como o eixo que viabiliza a dupla função do *fantasme/desejo*, intensificam este traço duplo do discurso richardeano.

Com base na *leitura literária* de *L'Interprétation des Rêves* empreendida por Jean-Pierre Richard, verifica-se que a associação do *fantasme* com o sonho recebe do pensamento psicanalítico o suporte da lucidez, do resguardo da consciência que tenta desbloquear o desejo inconsciente. Na leitura de Freud, por Laplanche et Pontalis, não se trata de distinguir *fantasmes* conscientes e inconscientes, mas, antes, de evidenciar pontos de aproximação que viabilizam a transposição para o espaço da criação literária. Assim, a feição da fantasia ou *fantasme* como sonho lúcido, nos ensaios críticos de Jean-Pierre Richard, em perfeita consonância com o ideal de clarividência poética, no bojo das inclinações simbolistas sul-rio-grandenses, constituirá o que Laplanche et Pontalis denominam de "la première partie du trajet qui aboutit au rêve". (FREUD, 1993, p. 154)

Em *L'Interprétation des Rêves*, Freud fundamenta o trabalho do sonho em duas operações essencialmente: a condensação e o deslocamento. Se a primeira constitui, no dizer de Laplanche et Pontalis, "un des modes essentiels du fonctionnement des processus inconscients: une représentation unique représente à elle seule plusieurs chaînes associatives à l'intersection desquelles elle se trouve" (FREUD, 1993, p. 89), a segunda operação (deslocamento) possibilita a passagem da energia psíquica de parte de uma representação a "d'autres représentations originellement peu intenses, reliées à la première par une chaîne associative" (FREUD, 1993, p. 117). Nesta perspectiva, enquanto o mecanismo da condensação assenta-se sobre a recorrência ou repetição de um centro ou imagem comum, o mecanismo do deslocamento ou transferência incide na transmutação dos valores psíquicos.

Do ponto de vista da prática de leitura efetuada por Jean-Pierre Richard em *Microlectures I e II*, percebe-se a relação que se estabelece entre o processo desses dois níveis do trabalho do sonho com o princípio básico do ocultamento e da revelação, metaforizado pela imagem do *scintillement*, gerando o efeito da alternância. De certo modo, da condensação do *grain du texte*, núcleo do desejo inconsciente, como reduto da palavra poética em estado potencial, o estudo crítico de Jean-Pierre Richard migra para o deslocamento como passagem da latência ao ato poético que se faz acompanhar da busca do horizonte, enquanto expansão da textualidade na direção do Outro. Em essência, seja em *L'Interprétation des Rêves*, principalmente no trabalho do sonho, seja em *Microlectures I e II*, constata-se o jogo entre uma imagem latente e uma imagem manifesta, incidindo, numa certa medida, na função da paisagem do desejo como elemento cuja concentração de energia provoca o trânsito literário da imanência à transcendência. Assim, o sonho como realização do desejo enquanto *fantasme* gera a ilusão da totalidade, traço nuclear da poesia simbolista.

Produto dessa aproximação da literatura com a psicanálise, a paisagem do desejo, no pensamento crítico de Jean-Pierre Richard, estabelece, de um lado, a leitura do *éprouvé sensoriel* e, de outro, a leitura de *l'épreuve pulsionnelle*. Percebe-se o jogo que o crítico efetua entre *l'éprouvé*, referindo-se à estrutura manifesta do texto, complementada por *l'épreuve*, referindo-se à estrutura latente, imagem da gênese do inconsciente do texto.

Sob este ângulo, Jean-Bellemin Noël, em *Vers l'Inconscient du Texte* (1979), configura o inconsciente pela perspectiva da germinação textual que se explicita pela leitura do *grain du texte*:

"... L'inconscient d'une certaine façon n'existe pas, ni comme substance, ni même comme faisceau de relations ... On appelle inconscient un effet de désir qui insiste dans toute activité humaine et la rend insistante, qui la fait se tordre et parfois se boucher sur elle-même, qui la noue à sa plus secrète vivacité ... L'atome non plus n'est pas une chose, c'est un effet d'énergie que nous percevons comme dépôt de puissance; d'un tourbillon nous faisons un grain de matière. Ainsi disons-nous l'inconscient

comme nous dirions un bazar plein d'objets hétéroclites, ce qui nous fait voir l'inconscient du texte sous la forme d'un énoncé caché sous d'autres énoncés. Obstinément nous le tenons pour de la pensée, alors que ce n'est qu'un travail, une force de déformation, une omniprésente transférence."³(BELLEMIN - NOËL, 1979, p. 195-196)

Elemento a ser construído pelo exercício da leitura, o inconsciente do texto aproxima-se do inconsciente do símbolo, especialmente do ponto de vista do simbolista belga Maurice Maeterlinck sobre o caráter incontrolável da criação simbólica, aflorando de modo inesperado e irrefreável. Dirá o poeta numa tentativa de síntese da *poétique de l'inconscient*:

"Je me sens attiré, avant tout, par les gestes inconscients de l'être... Je voudrais étudier tout ce qui est informulé dans une existence... tout ce qui cherche une voix dans un coeur. Je voudrais me pencher sur l'instinct, sur les facultés et les notions inexplicables, négligées ou éteintes, où ... il nous est donné d'entrevoir, par moments, une lucur de l'être énigmatique, réel et primitif ... sur tous les moments où l'homme échappe à sa garde." (MAETERLINCK, 1985, p. 58)

Eminentemente literária, essa especificação do inconsciente insere-se no processo de construção textual desenvolvido pelo leitor. Com base na busca do *effet de désir*, consolida-se na escritura poética.

Na visão psicanalítica de Bellemin-Noël, ainda que o ato da leitura articule-se a um nível consciente, o autor sublinha reiteradas vezes o caráter incompleto e múltiplo do inconsciente do texto. Sob este prisma, Raymond Jean, na introdução à *Poétique du Désir*, ao considerar o desejo como *conscience opératoire* e como tema, reitera a visão de *fantasme*, do ponto de vista da prática de leitura richardeana assentada sobre a intervenção da energia do desejo no processo de criação literária.

Eixo subjacente que fundamenta todo o ato da escritura, o desejo permite a percepção da obra desde a sua emergência. Fica, pois, estabelecida a profunda correlação entre palavra poética e desejo. Nas palavras de Jean-Claude Mathieu, crítico e organizador de *Territoires de l'Imaginaire*, ensaios de homenagem a Jean-Pierre Richard:

"L'évolution de Richard a été guidée par le désir de saisir l'acte par lequel le texte, dans sa créativité, nous reconduit, à la différence de l'imaginaire plus stéréotypé des mythes et des rêves, vers un

³A reflexão sobre a escritura do inconsciente como *ancrage et dérive* por Michel Collot (in: *La Poésie Moderne et la Structure d'Horizon*. Paris, PUF, 1989. p.120) reitera esta visão do inconsciente do texto como imagem da produtividade ou construção textual, presente já no *inconnu* baudelairiano aproximado da experiência poética do horizonte.

être - là inaugural du langage, une effervescence de l'imaginaire naissant."⁴ (MATHIEU, 1986, p. 239)

Perceber-se-á que o funcionamento do desejo como tema e como estrutura, ao desbloquear o dizer, impulsiona à consolidação do poema. Jogo incessante desse dualismo, na reflexão de Jean-Pierre Richard, a articulação da abordagem temática com a psicanalítica encaminha a migração à transtextualidade, na busca poética do Outro.

Conforme Michel Collot, no ensaio *Thématique et Psychanalyse (Territoires de l'Imaginaire - 1986)*, a associação destes dois enfoques não submete a literatura à psicanálise, mas, antes, permite ao fato literário a leitura da *parole infinie*, imagem baudelairiana que mostra a gênese do símbolo. Por isso, a afirmação de Jean-Pierre Richard de que

"Le paysage m'apparaît aujourd'hui comme davantage lié (...) au radical organique d'une humeur; il est ce qui se voit, s'entend, se touche, se fleurit, se mange, s'excrète, se pénètre, ou pénètre: le débouché et l'aboutissement, le lieu de pratique aussi, ou d'autodécouverte d'une libido complexe et singulière" (RICHARD, 1984, p. 8)

corresponde, no pensamento de seu crítico-leitor Michel Collot, à vinculação da psicanálise freudiana com a temática pelo inconsciente ao nível do processo de produção das imagens literárias; torna-se possível identificar a constelação de temas e símbolos resultante da percepção do conteúdo latente. Expresso por Collot:

"... il s'agit désormais pour elle (la thématique) de montrer comment, dans les textes littéraires, la relation concrète d'un sujet à son monde ... trouve à exprimer mais aussi à se transformer sous la pression d'un désir inconscient et sous la poussée d'un dynamisme d'écriture qui a ses propres lois." (COLLOT, 1986, p. 230)

Observa-se que Jean-Pierre Richard legitima esta associação do enfoque temático com o psicanalítico ao nível do eixo inconsciente/alteridade principalmente em *Pour Saluer Roland Barthes*: "La structure thématique existe donc, mais pour se voir étoilée, lézardée, volatilisée. Sans elle pourtant aucun dépassement possible, aucun accès au travail de l'écriture" (RICHARD, 1984, p. 241). Mais adiante, caracterizando a prática temática

⁴Parece interessante observar que o escritor gaúcho Cyro Martins, em um de seus últimos estudos críticos, tenha justificado o prolongamento simbolista sul-rio-grandense nas décadas iniciais da poesia modernista justamente por esta "ilusão (do poeta moderno) de captar a inspiração em estado nascente" (Páginas Soltas. Porto Alegre, Movimento, 1994. p.84).

em *S/Z* como *sémantique des expansions*, o autor de *Microlectures* reafirma o tema pela dimensão do "équilibre toujours labile, de la confluence et de la migration" (RICHARD, 1984, p. 241). Assim, pois, parece ter extraído do elogio a Barthes os elementos constitutivos de sua abordagem literária. O acompanhamento da migração temática, sintetizada pela imagem da *masque d'un désir inavoué*, no ensaio citado de M. Collot, marca o caráter transitivo da escritura literária.⁵ Daí, em Jean-Pierre Richard, a configuração da produtividade textual pelo *continuel déraillement* em que um fragmento repete, transforma e reescreve os textos precedentes:

"Le texte me semblait se dérouler sur un certain nombre de positions, ou peut-être de postures (thématiques formelles/passionnelles) qu'il remodelait et dépassait sans cesse vers de figures de sens et d'écriture." (RICHARD, 1979, p. 11)

O crítico do *grain du texte* alude à questão da intertextualidade tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático. Ainda que a nota de rodapé de *Pages Paysages*, sobre o ensaio *Le Pavé de l'Ours*, insinue a Riffaterre a carência de elementos *sensorielles, littérales et libidinales* no tocante à abrangência limitada dos *interprétants* como *mot-carrefour*, Richard fundamenta, na mesma obra, o ensaio *Donc je m'en vais* (sobre Jules Laforgue) na leitura intertextual:

"Ici les intertextes sont bien évidemment multiples: le début de notre vers réécrit en fait un lieu commun, un topos, cher à toute la poésie moderne, celui qui associe nécessairement départ géographique et entrée en poésie, voyage et invention d'écriture..." (RICHARD, 1984, p. 53)

O exame intertextual da obra de Laforgue e a insinuação teórica formalizam, de certo modo, a posição de Jean-Pierre Richard quanto à abordagem intertextual, compatível com o exame do inconsciente textual e com a reflexão de Leyla Perrone-Moysés sobre a intertextualidade crítica (*critique-écriture*)⁶. Calcada sobre o diálogo livre na prática de leitura, a

⁵Na visão crítica de Michel Collot sobre o legado essencial do autor de *Microlectures*: "... ce qui reste de son enseignement majeur: à savoir que toute forme est une mise en forme de soi et du monde, que toute page ouvre un paysage" (Thématique et Psychanalyse. In: *Territoire de l'Imaginaire*. Paris: PUF, 1986. p.231).

⁶ Em artigo da revista *Poétique* 27, Leyla Perrone-Moysés define lucidamente a *intertextualité critique* como escritura: "Seule une critique que serait elle-même une écriture permettrait l'apparition d'un discours véritablement intertextuel. Dans ce cas-là, il ne s'agira pas de revêtir en explicitant, mais de recourir en ambiguïtant ... la nouvelle parole sera en condition d'égalité par rapport à celle qui lui sert de pré-texte; le critique ne se placera plus devant l'autre texte comme un suiveur, mais comme un poursuiveur d'ambiguïtés, c'est-à-dire comme un écrivain" (Op.cit., p.376-77).

produção crítica de Jean-Pierre Richard ilustra a *intertextualité critique*, não só pelo recorte efetivado em *Microlectures* e em *Page Paysages*, mas também pela própria configuração do *grain du texte*, como desejo revitalizador da palavra poética. Aproximam-se, pois, neste sentido, a leitura intertextual da leitura simbólica richardeana; retém-se do projeto crítico subjacente em *Microlectures I* e em *Page Paysages* a constante transformação textual de uma forma em outras formas, como se a leitura do menor (*grain du texte*) deslocasse continuamente os limites do horizonte poético compondo o texto pelo constante refazer. Se Michel Collot ressalta esta desestabilização no pensamento richardeano, processada pela identidade lírica no movimento de busca do Outro, se a acolhida da diferença marca a modulação do método de *Microlectures I e II*, Raymond Jean, na *Poétique du Désir*, vislumbra, nesta construção incessante do sujeito, o traço especificador da focalização textual do desejo. A relação explícita do simbolismo da estrela com o da intermitência mostra o espaço intervalar onde o sujeito lírico processa a construção do significado sob o efeito poético da oscilação.

Do ponto de vista da identidade lírica em *Microlectures*, a caracterização da paisagem do desejo como imbricação atemporal de uma subjetividade com sua representação do mundo permite delimitar a abrangência poética do sujeito com base na relação efetuada entre a percepção de imagens reiterativas e a de imagens latentes. Daí, em Jean-Pierre Richard, a prática de leitura construída pela emergência das metáforas obsessivas, das pulsões e das fantasias enquanto inscrições recorrentes do universo do desejo, que projetam a atividade do eu. Assim, o valor artístico da paisagem configura-se muito mais a partir da subjetividade do que a partir da forma, correspondendo, na leitura crítica de Hélène Cazes sobre a produção richardeana, à percepção "d'une fondation originelle - muette et par nature indicible - ou de la célébration de cette fondation" (RICHARD, 1979, p. 106). Em outras palavras, esta reflexão retorna ao jogo entre identidade/alteridade, do qual o eu lírico sorve a constante revitalização do sentimento poético. Logo, a articulação da paisagem do desejo esboçada levemente em *Paysage de Chateaubriand* (1967) e explicitada, do ponto de vista do inconsciente, em *Microlectures I e II*, reitera a questão no Outro.

Processa este desenvolvimento a questão essencial da *omniprésence du moi* representada no longo ensaio *La Fiancée du Vent* sobre um fragmento da obra *Le Roi des Morts* de Michelet (*Microlectures I*). O desejo de *refécondation*, inerente ao sujeito enunciador, dá suporte ao eixo nuclear da produção textual que se deixa regular essencialmente pela voz do uno no embate com a voz do Outro. Sob o tramado discursivo, Jean-Pierre Richard identifica o primado do eu, em processo de constante consolidação

identitária.⁷ Assim, a referência à frase beirando um provérbio - "Pierre qui roule n'amasse pas mousse, mais s'amasse sans doute elle-même autour d'un centre de plus en plus dense et personnel" (RICHARD, 1979, p. 75) - sintetiza a dimensão ampla e fulcral da subjetividade no pensamento de Jean-Pierre Richard. Nostalgia da origem superada pelo impacto da recriação do lirismo, a leitura de Baudelaire pelo crítico em *Poésie et Profondeur* (1955) já traduz esse prazer da plenitude poética:

"Dans le paysage heureux ..., tous ces éléments sensibles du bonheur humain réussissent à conjuguer leurs vertus; ils collaborent à créer une harmonie qui embrasse vraiment la totalité du vécu. Une étude de la réussite baudelairienne ne saurait s'achever que sur l'évocation de quelques-uns de ces ensembles physiques et spirituels à travers lesquels Baudelaire eut un instant le sentiment de posséder sa vie." (RICHARD, 1955, p. 151-52)

Portanto a poética do desejo, ao viabilizar a percepção do imaginário do espaço, do tempo e do eu lírico, comporá a paisagem simbolista, sob o impacto da constante recriação, em que se projeta a constante voz do desejo. Daí, provavelmente, a associação que Raymond Jean realiza do desejo potencial com a consolidação da *jouissance*, enquanto prazer do texto. Na base, pois, da expressão do desejo, a reflexão de Roland Barthes nutre a germinação da *parole désirante* inscrita sob forma de balbuciamiento poético. Nas palavras do crítico em *Sade, Fourier, Loyola* (1977):

"Le texte est un objet de plaisir. La jouissance du texte n'est souvent que stylistique: il y a des bonheurs d'expression et ni Sade ni Fourier n'en manquent. Parfois, pourtant, le plaisir du texte s'accomplit d'une façon plus profonde (et c'est alors que l'on peut vraiment dire qu'il y a texte): lorsque le texte *littéraire* (le livre) transmigre dans notre vie, lorsqu'une autre écriture (l'écriture de l'Autre) parvient à écrire des fragments de notre quotidieneté, bref quand il se produit une co-existence." (BARTHES, 1977, p. 12)

Verificação do desejo consolidado, a perspectiva do prazer possibilita a formação da *paisagem infinita* de Eduardo Guimaraens. Múltipla, indefinida, porque intervalar, esta paisagem extrairá das margens o espaço da totalidade significativa. Nesse sentido, o apogeu do desejo, enquanto aquisição da *jouissance*, coincide com a inclinação simbolista à valorização do cotidiano reconstruído. Assim, pois, o ajuste da poesia simbolista gaúcha à focalização do desejo processa-se por esta intenção de recuperar o sentimento humano (alegria) pela arte. No *Discurso sobre a Arte*

⁷Este aspecto constitui o que o crítico denomina de "maîtrise du sujet sur les diverses formes et activités de paysage", no estudo *Paysages de Bouvard et Pécuchet* in *Pages Paysages*. Paris, Seuil, 1984, p.83.

(Correio do Povo, 1910) de Eduardo Guimaraens, o encerramento pela imagem de *Zarathustra*, símbolo da lucidez teórica, expressa o elogio do cotidiano, filtrado pela vidência da arte: "Ah! Como eu aniquilaria a minha sede, sugando os seios da luz, bebendo o leite da claridade" (GUIMARAENS, 1910). Na paisagem simbolista, a rentabilidade poética do desejo condensa-se neste impulso que a busca do novo proporciona à criação literária.

Sob a recepção crítica da obra de Jean-Pierre Richard por Hélène Cazès, projetada sobre *Microlectures*, retém-se a intenção (simbolista) da totalidade:

"Bonheur musical qui se dit dans une méthaphore picturale, le paysage est une célébration de l'unité mythiquement perdue et fugitivement retrouvée. Il est surtout, pour nous, lecteurs de Jean-Pierre Richard, l'occasion d'un autre bonheur: celui de la coïncidence entre une écriture critique et son objet, au moment magique où les consciences se confondent et se distinguent à la fois." (CAZÈS, 1993, p. 106)

Voz do prazer, a poesia simbolista imprime, na voz do desejo, a reinvenção da paisagem poética.

Se o estudo da análise intertextual, calcada sobre a reinvenção do Outro, possibilita a decantação da identidade lírica, a condensação poética na energia do desejo (da latência ao ato da expressão) gera o espaço intervalar da paisagem do meio-tom. Paisagem aberta, disponibilidade espacial em eterno refazer-se, o processo simbolista resgata, da aproximação do horizonte infinito com a alteridade recriada e com a força do desejo, a intenção reiterativa de ajustar o real circundante à modulação do lirismo mesclado. No Simbolismo gaúcho, imagens-síntese do percurso efetuado, como a contínua transparência do verso incisivo de Marcelo Gama: "Extinguir-me ou vencer estes espaços" e a obsessão da lucidez teórica de Eduardo Guimaraens, no *Discurso sobre a Arte*, modelam o sentimento da diversidade. Ao apagamento lento e gradual do eu, na inscrição autobiográfica da confessionalidade, sucede a consolidação da identidade lírica que canta o espaço em se cantando a si própria. Modulada pela força do desejo, a essência da poesia simbolista sul-rio-grandense especifica-se pelo canto do meio-tom. Melodia inconclusa, voz cuja multiplicidade compraz-se no lirismo mesclado da paisagem outonal, a poética do desejo articula o diálogo (musical) que se gera entre as epígrafes.

O fragmento final do poema *Desejo* do simbolista gaúcho Eduardo Guimaraens:

"Ser o reflexo, disperso
dum ramo n'água pendido,
fluido e belo como um verso
que canta mas sem sentido

Ser o silêncio, esta calma
Breve momento impreciso
Ser um pouco da tua alma...
Um pouco do teu sorriso." (GUIMARAENS, 1910)

aproximado aos versos conclusivos de *Bilhete para Cataguases* do modernista Guilhermino Cesar, configuram antes a abrangência infinita da paisagem do desejo do que a projeção do Simbolismo sobre a Modernidade sul-rio-grandense:

"Se é possível aspirar,
eis a minha aspiração:
Pelo sino da Sé Velha
achado no temporal
por aquele som lavado
medir mida, medir passo,
versos, soluços, abraços.
E a poesia chegará" (CESAR, 1990, p. 15-16)

No fundo deste canto que se tece nas epígrafes, a associação Vida/Arte, ao revitalizar a energia do desejo, sela a composição da paisagem poética pela constante busca do *mystère profond de l'encre* a que alude Jean-Pierre Richard: a impregnação do desejo concede à literatura a constante insinuação da poesia. Nas palavras de Roland Barthes no retrato (lúcido) que traça de si próprio na contracapa de *Barthes por Barthes*:

"Et après?
- Qu'écrire maintenant? Pourrez-vous encore écrire quelque chose?
- On écrit avec son désir et je n'en finis pas de désirer."(BARTHES, 1977, contracapa)

Amplios horizontes recortam-se diante do leitor que fixa, na infinitude do desejo, a própria infinitude da busca da Outra Voz, poética.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Paris, Seuil, 1977.
BELLEMIN-NÔEL, J. *Vers l'inconscient du texte*. Paris, PUF, 1979.
CAZÈS, Hélène. *Jean-Pierre Richard*. Paris, Bertrand-Lacoste, 1993.
CESAR, Guilhermino. *Cantos do canto chorado*. Porto Alegre, Fundação Paulo do Canto e Silva, 1990.
COLLOT, Michel. Thématique et psychanalyse. In: MATHIEU, Jean-Claude (Org.). *Territoires de l'imaginaire*. Paris, PUF, p. 213-233, 1986.

- _____. *L'horizon fabuleux I: XIX^{ème} siècle*. Paris, Coste, 1988.
- _____. *La poésie moderne et la structure d'horizon*. Paris, PUF, 1989.
- FREUD, Sigmund. *L'interprétation des rêves*. Paris, PUF, p.241-267, Le Travail du Rêve, 1993.
- GUIMARAENS, Eduardo. *A divina quimera*. Porto Alegre, Globo, 1944.
- MAETERLINCK, Maurice. *Introduction à une psychologie des songes et autres écrits (1886-1896)*. Bruxelles, Éditions Labor, 1985.
- MATHIEU, Jean-Claude. Les cinq sensations de Jean-Pierre Richard. In: MATHIEU, Jean-Claude (Org.). *Territoires de l'imaginaire*. Paris, PUF, 1986. p. 236-251.
- PERRONE-MOYSÉS, Leyla. L'intertextualité critique. *Revue Poétique*, Paris, Seuil, n. 27, p. 373-384, 1976.
- RICHARD, Jean-Pierre. *Poésie et profondeur*. Paris, Seuil, 1955.
- _____. *Paysages de Chateaubriand*. Paris, Seuil, 1967.
- _____. *Microlectures I*. Paris, Seuil, 1979.
- _____. *Pages, paysages: microlectures II*. Paris, Seuil, 1984.
- _____. *L'état des choses*. Paris, Gallimard, 1990.